



## Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

### Além do princípio de Nirvana: as contribuições psicanalíticas de Barbara Low (1874-1955)<sup>1</sup>

## Beyond the Nirvana Principle: The Psychoanalytic Contributions of Barbara Low (1874-1955)

 Richard Theisen Simanke

**Resumo:** A psicanalista britânica Barbara Low desempenhou um papel de protagonista nas primeiras décadas do desenvolvimento da psicanálise na Grã-Bretanha, escrevendo, palestrando, resenhando e participando ativamente da *British Psychoanalytical Society*. No entanto, ela é hoje quase exclusivamente lembrada como a autora do conceito do princípio do Nirvana, adotado por Freud em *Além do princípio de prazer* e outras obras – uma circunstância que contribuiu para que todas as suas outras realizações permanecessem pouco conhecidas. O objetivo aqui é lançar alguma luz sobre a vida e a carreira de Low e apresentar os principais aspectos da sua participação institucional e dos seus interesses teóricos e práticos como psicanalista. Argumenta-se que sua associação com o princípio do Nirvana é típica da perspectiva centrada em Freud ainda predominante na historiografia da psicanálise e que pontos de vista e metodologias alternativos e mais abrangentes precisam ser desenvolvidos neste campo de pesquisa.

**Palavras-chave:** historiografia da psicanálise; Barbara Low; princípio do Nirvana; história da psicanálise na britânica; psicanálise e educação.

### Abstract

The British psychoanalyst Barbara Low (1874-1955) played a protagonist role in the first decades of psychoanalysis' development in Britain, writing, lecturing, reviewing, and actively participating in the British Psychoanalytical Society. However, she is almost exclusively remembered today as the author of the Nirvana principle concept, adopted by Freud in *Beyond the Pleasure Principle* and other

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de um projeto voltado para articular a análise epistemológica interna das obras psicanalíticas com um trabalho complementar de contextualização histórica, tendo em vista a constituição de uma metodologia mais abrangente, rigorosa e sistemática para a pesquisa teórica em psicanálise (Simanke e Caropreso, 2018 e Simanke, 2020). Para tanto, é necessário adentrar também as dificuldades, problemas e vieses que marcam a pesquisa em história da psicanálise e as questões historiográficas que aí se colocam, dando continuidade a trabalhos anteriores com os mesmos objetivos (Simanke e Caropreso, 2017 e 2020). A vida e a carreira de Barbara Low, especificamente, foram abordadas em outras publicações que o presente artigo se propõe a desenvolver e complementar (Simanke, 2024 e Caropreso e Simanke, 2022).

works – a circumstance that contributed to keeping all her other accomplishments unacknowledged. The objective here is to shed some light on Low's life and career in their own right and present the main aspects of her institutional participation and her theoretical and practical interests as a psychoanalyst. It is argued that her association with the Nirvana principle is typical of the Freud-centered perspective still prevalent in the historiography of psychoanalysis and that alternative, more encompassing viewpoints and methodologies need be developed in this research field.

**Keywords:** historiography of psychoanalysis; Barbara Low; Nirvana principle; history of psychoanalysis in Britain; psychoanalysis and education.

## 1. Introdução

A historiografia da psicanálise está atravessando um período de mudança nas suas tentativas de ultrapassar problemas fundacionais e metodológicos de longa data. Talvez o mais profundamente enraizado destes problemas seja o dogma de que cada relato das origens e do desenvolvimento da psicanálise deva adotar a perspectiva fornecida pela vida e obra de Freud. Como Marinelli e Mayer (2006) argumentam, este ponto de vista é partilhado tanto pelos relatos hagiográficos como pelos assim chamados revisionistas – por vezes abertamente difamatórios – que têm infestado a historiografia da psicanálise e cuja influência está longe de ter se encerrado ainda hoje. Em seu trabalho, Marinelli e Mayer fazem uma revisão crítica da historiografia psicanalítica tradicional antes de introduzirem novas e mais promissoras tendências. Eles ilustram a sua perspectiva citando Whitehead (1917, p. 115), para quem “uma ciência que hesita em esquecer os seus fundadores está perdida”. Esta afirmação aponta para a necessidade de adotar uma perspectiva histórica mais ampla. Estudos históricos mais recentes (Ffytche, 2012, Zaretsky, 2004 e Makari, 2008) têm tentado atingir esse objetivo e traçar um quadro mais abrangente do desenvolvimento da psicanálise do que aquele permitido por um ponto de vista exclusivamente freudiano. A psicanálise, como ciência, está longe ainda de ter esquecido seus fundadores e se libertado da necessidade de reverenciá-los.

Este artigo é uma tentativa de aplicar estes princípios a um problema específico: a percepção dominante do papel desempenhado pela psicanalista Barbara Low (1874-1955) na história da psicanálise e a forma como as referências de Freud a ela no seu célebre estudo *Além do princípio de prazer* e em outros trabalhos contribuíram fortemente para moldar esta percepção. Low foi uma das duas psicanalistas mulheres cujas ideias Freud menciona nesta obra (a outra foi Sabina Spielrein). Estas referências influenciaram fortemente, para não dizer determinaram, a forma como ela foi percebida e abordada na literatura psicanalítica durante muito tempo. Mais especificamente, Low foi vista sobretudo como tendo contribuído para a nova teoria das pulsões e para a introdução do conceito de pulsão de morte.

Freud atribui a Low a autoria da noção de princípio do Nirvana, que ele então adotou e desenvolveu em *Além do princípio de prazer* e em trabalhos posteriores. No último capítulo de *Além do princípio de prazer*, ele argumenta que o princípio de prazer é uma tendência a serviço de uma função definida, a saber, manter o aparelho mental livre de excitação ou, pelo menos, manter o nível dessa excitação constante. Essa função está relacionada ao que ele aí denomina “princípio de Nirvana”, que engloba as tendências da mente à inércia e à constância. Assim, o princípio de prazer representaria uma tendência a serviço do princípio de Nirvana e ambos participariam da aspiração

universal de todo ser vivo de retornar ao estado de repouso do mundo inorgânico – ou seja, a aspiração representada pela pulsão de morte. Nessa discussão do princípio de Nirvana, Freud o atribui a Barbara Low:

A tendência dominante da vida mental, e talvez da vida em geral, é o esforço para reduzir, manter constante ou remover a tensão interna devida aos estímulos (*o “princípio de Nirvana”, para usar um termo de Barbara Low*) – uma tendência que encontra expressão no princípio de prazer. (Freud, 1920a/1975, p. 56, *itálicos meus*)

Em suma, Freud define o princípio de prazer como uma tendência subordinada ao princípio de Nirvana. Ambos participam no anseio universal dos seres vivos por regressar ao estado de repouso na existência inorgânica – ou seja, o objetivo da pulsão de morte. Freud afirma esta relação de forma inequívoca: “O princípio de prazer parece servir, de fato, às pulsões de morte” (Freud, 1920a/1975, p. 63). Quatro anos mais tarde, ele discute mais longamente a relação entre o princípio de prazer e o princípio de Nirvana e, mais uma vez, reconhece a autoria de Low para este último:

[...] consideramos que o princípio que governa todos os processos mentais é um caso especial da “tendência para a estabilidade” de Fechner e, conseqüentemente, atribuímos ao aparelho mental o objetivo de reduzir a nada – ou, pelo menos, de manter no nível mais baixo possível – as somas de excitação que fluem para ele. Barbara Low sugeriu o nome de “princípio de Nirvana” para esta tendência hipotética, e nós aceitamos o termo. (Freud, 1924/1975, p. 159)

Low propôs a ideia de um princípio de Nirvana no seu livro introdutório aos pontos de vista de Freud, *Psychoanalysis: a brief account of Freudian theory*, publicado em abril de 1920 (Low, 1920/2023), apenas sete meses antes do aparecimento de *Além do princípio de prazer*. Freud teve acesso ao texto pouco antes de terminar de escrever seu livro em julho de 1920. O trabalho de Low chegou às suas mãos através de Ernest Jones, que tinha escrito o Prefácio do livro. Na sua carta de 24 de maio de 1920, dirigida a Jones, Freud menciona ter acabado de receber o seu exemplar (Paskauskas, 1995/1998, p. 277). Embora Jones nunca diga ter enviado o livro a Freud, é muito provável que o tenha feito, uma vez que Freud lhe confirma a recepção (Silva, 2019).

Ao referir-se a Low, Freud vincula permanentemente o trabalho dessa autora às suas novas concepções metapsicológicas. Como resultado, Barbara Low tem sido sempre lembrada devido à sua associação com o princípio de Nirvana, mas pouco se sabe ou se pesquisou sobre qualquer outra coisa que ela pudesse ter realizado em sua longa carreira psicanalítica. A maioria das referências a Low limita-se a indicar sua autoria do termo e conceito “princípio de Nirvana” – por exemplo, Foxe (1943), Harrison (1986) e Hu (2018), entre muitos outros autores –, embora, às vezes, ela também seja mais

especificamente relacionada à teoria da pulsão de morte (Ruhs, 2019, De Vleminck, 2016 e Colín, 2015).

Assim, no imaginário psicanalítico, seu nome ficou para sempre vinculado à noção de princípio de Nirvana. No entanto, para além desse dado bibliográfico básico, quase nada é ordinariamente mencionado sobre a autora na literatura psicanalítica e sua contribuição à psicanálise ficou associada exclusivamente a esse conceito. Quando a pesquisa em que o presente artigo se insere teve início, o artigo de Silva (2019) era o único dedicado especificamente a Low que se podia encontrar na literatura da área. Mesmo a escassa informação biográfica disponível em obras de referência – Yorke (2002b/2005) e Rubinstein *et al.* (2011), por exemplo – podia ser rastreada quase sempre ao breve obituário publicado no *International Journal of Psychoanalysis* quando do falecimento de Low (Franklin, 1956).

Com certeza, ela teria tido muito mais a incluir no seu currículo. Barbara Low desempenhou um papel pioneiro na criação da *British Psychoanalytic Society* (BPS) e foi um membro ativo da instituição, atuando como bibliotecária do Instituto de Psicanálise, dando conferências com frequência, revisando e traduzindo obras psicanalíticas, defendendo enfaticamente as funções sociais da psicanálise e escrevendo sobre diferentes tópicos, especialmente sobre as contribuições psicanalíticas para a educação. Embora Freud tenha tornado amplamente conhecida sua autoria do princípio do Nirvana, ela o menciona apenas uma vez em todos os seus trabalhos. Esta circunstância contribuiu, sem dúvida, para manter na sombra todas as suas outras atividades (Caropreso e Simanke, 2022). O objetivo aqui é, então, lançar uma nova luz sobre a vida e a carreira de Low e apresentar os principais aspectos da sua atuação institucional e dos seus interesses teóricos e práticos como psicanalista.

Para este fim, são fornecidas inicialmente algumas informações biográficas básicas que traçam o percurso de Low em direção à psicanálise. A seguir, sua carreira psicanalítica é apresentada e discutida segundo três linhas de investigação. A primeira delas é a sua *atividade institucional* na BPS, com um lugar especial reservado à sua participação nas controvérsias Freud-Klein no início da década de 1940. Os outros dois tópicos são: 1) seu interesse pela *literatura e suas relações com a psicanálise* e 2) suas fortes preocupações com as *funções sociais da psicanálise aplicada*, especialmente as contribuições psicanalíticas para a educação e a disseminação do conhecimento psicanalítico para um público mais amplo. Finalmente, uma síntese preliminar das contribuições de Low para a psicanálise é tentada como uma conclusão.

## 2. Da sala de aula ao divã: a descoberta da psicanálise

Poucos meses antes da sua morte, Barbara Low escreveu numa das suas cartas ao erudito americano Edward Nehls – um estudioso da vida e da obra de D. H. Lawrence – que, no que diz respeito ao desenvolvimento da psicanálise britânica, ela “não tinha sido de modo algum uma pioneira”. No entanto, reconheceu estar entre os “6 ou 7 médicos” que fundaram a Sociedade Psicanalítica Britânica, “a única mulher” e, durante muito tempo, “a única judia”. Ela prossegue: “O pouco de ‘pioneirismo’ que fiz foi escrever o 1º pequeno livro-texto sobre P.A. [psicanálise] (‘P.A., um breve esboço da teoria freudiana’) que teve bastante sucesso, + Freud aprovou-o” (*in* Greer, 2014, p. 191)<sup>2</sup>. É interessante como Low consegue negar e reafirmar seu papel crucial no desenvolvimento inicial da psicanálise britânica numa mesma passagem. De fato, estar entre os poucos membros fundadores da BPS e ter sido a autora de um livro introdutório bem-sucedido, digno da aprovação de Freud, não são realizações de pouca monta.

A carreira de Low é, em muitos aspectos, típica do desenvolvimento inicial da psicanálise britânica, pelo que um melhor conhecimento de sua vida e atuação pode proporcionar uma compreensão mais abrangente desse processo formativo. Em primeiro lugar, ela foi, sob todos os aspectos, uma pioneira, apesar do que possa ter dito a esse respeito, tendo estado envolvida com a psicanálise mesmo antes de participar na fundação da BPS em 1919<sup>3</sup>. Em segundo lugar, ela não era apenas uma mulher analista, mas era também muito representativa do tipo de mulheres que foram atraídas pela psicanálise nos primeiros tempos a sua disseminação no mundo britânico: emancipadas e politicamente ativas, com formação acadêmica e intelectual, além de envolvidas com as vanguardas científicas e literárias da época. Não é surpreendente, assim, que ela tenha estado longe de ser uma personagem secundária nos primeiros estágios do desenvolvimento institucional do movimento psicanalítico britânico. Seu papel pioneiro não se restringiu ao seu livreto introdutório ou ao conceito de princípio de Nirvana nele proposto. Ignorar esse papel inevitavelmente deixa algumas peças faltando no complexo quebra-cabeça desse processo formativo.

Barbara Low nasceu em 29 de julho de 1874, tendo sido registrada inicialmente como Alice Leonora Low. Passou a ser chamada como Barbara provavelmente a partir de 1877, uma vez que este foi considerado durante muito tempo como o seu ano de nascimento e assim referido nas notas biográficas sobre ela (Franklin, 1956 e Yorke, 2002b/2005). Greer (2014) afirma ter encontrado a

---

<sup>2</sup> Carta de 11 de setembro de 1955. Respeita-se aqui a grafia da carta original, tal como reproduzida na fonte consultada.

<sup>3</sup> “Pioneiro” é um termo e conceito problemático e frequentemente enganoso na historiografia psicanalítica (Ruperthuz, 2021). O seu uso aqui é exclusivamente retórico e pretende apenas enfatizar a importância de Low para a compreensão da complexa rede de processos e relações do movimento psicanalítico britânico em seus primeiros estágios.

certidão original de nascimento de Barbara Low, com a data de nascimento correta. Por isso, ela teria 81, e não 78 anos de idade ao falecer em 1955<sup>4</sup>. Não há informações sobre as razões familiares para a mudança de nome e novo registro.

Os seus pais eram Maximilian Low (1830-1900) e Therese Low, nascida Schacherl (1836-1887). Maximilian era um empresário e negociante judeu de origem húngara, nascido em Eisenstadt que, na época, era parte do reino da Hungria (fica hoje na Áustria), próxima a Bratislava, então também uma cidade húngara, sob o nome de Pressburg. Com inclinações políticas liberais e nacionalistas, juntou-se, ainda muito jovem, ao movimento pela independência da Hungria e participou do breve governo liderado por Lajos Kossuth durante a Revolução Cívica Húngara (1848-1849), na esteira da onda revolucionária que varreu a Europa durante esses anos. Depois que a revolução foi sufocada pela intervenção russa solicitada pela Áustria, Maximilian vagou pela Europa por alguns anos, antes de se fixar em Londres, onde Therese se juntou a ele em 1855. Ela era filha de um rabino austríaco, cujos parentes ocuparam diversas posições oficiais em Viena, durante os anos em que o liberalismo político austríaco abriu maiores oportunidades aos judeus do Império. Assim como o marido, Therese decididamente fez da Inglaterra seu novo lar. O biógrafo de Sir Sidney Low – o mais bem-sucedido social e intelectualmente dentre os irmãos de Barbara – assim a descreve:

Therese era, sob todos os aspectos, uma mulher incomum. Sem uma educação formal no sentido moderno, ela era culta, intuitiva, sagaz e inteligente. Uma grande leitora, ela ensinou seus filhos a amarem Goethe, Schiller e Lessing, assim como o que havia de melhor na literatura inglesa. [...] Música e canções, assim como cordial interação social eram tão necessárias para ela quanto o seu pão de cada dia. (Chapman-Huston, 1936, p. 10)

Os Lows tiveram onze filhos entre 1857 e 1876, sendo Barbara a segunda mais nova<sup>5</sup>, e Therese desempenhou um papel crucial nas realizações intelectuais que quase todos eles viriam a alcançar. Maximilian, por sua vez, teve grande sucesso financeiro durante certo tempo, tendo se estabelecido na Threadneedle Street – um dos pólos financeiros de Londres, sede do Banco da Inglaterra e da Bolsa de Valores na época – e investido em diversas áreas, incluindo o nascente setor elétrico. Seus negócios floresceram a partir de 1870 e a família usufruiu de um período de grande prosperidade material.

---

<sup>4</sup> Ver também, a esse respeito, Silva (2019) e a biografia de Low no *Psychoanalytikerinnen. Biografisches Lexikon*, disponível em: [https://www.pschoanalytikerinnen.de/greatbritain\\_biographies.html#Low](https://www.pschoanalytikerinnen.de/greatbritain_biographies.html#Low).

<sup>5</sup> Barbara Low é frequentemente mencionada como a mais nova dos irmãos, mas a revisão de sua data de nascimento para 1874 deixa seu irmão Herbert John Low, nascido em junho de 1876, como o caçula da família.

O sucesso comercial de Maximilian Low não estava destinado a durar. Em 1878, quando Barbara tinha apenas quatro anos de idade, uma série de más decisões financeiras levou à perda da fortuna e das propriedades da família; um caráter em que se associavam entusiasmo e instabilidade inviabilizou uma recuperação significativa (Chapman-Huston, 1936). Como resultado, a família começou a se dispersar, com os irmãos mais velhos saindo de casa para encontrar trabalho e ganhar a vida. Por sua vez, a morte precoce de Therese Low, em 1886, deixou as irmãs mais novas a cargo das mais velhas (Greer, 2014).

Apesar de todas as adversidades, a família conseguiu dar uma excelente educação a todos os seus filhos; Sidney Low, o mais velho, encarregou-se inicialmente de prover as necessidades dos mais novos. A maior parte dos irmãos Low foi notavelmente bem-sucedida em diferentes setores de atividade. Os irmãos mais velhos de Barbara, Sidney James Mark Low e Alfred Maurice Low, tornaram-se jornalistas e historiadores de renome. Ambos foram condecorados com o título de cavaleiro em 1918 e 1922, respectivamente (Rubinstein *et al.*, 2011). Frances Helena Low e Florence Blanche Low foram jornalistas, tendo Florence sido também educadora e administradora educacional. Outra irmã, Edith Clara Low, que mais tarde se casaria com o psicanalista Montague David Eder, foi, tal como Barbara, professora e escritora. Quatro outros dos seus irmãos são também referidos como acadêmicos e educadores<sup>6</sup>. Ivy Teresa Low – sobrinha de Low, filha de seu irmão Walter Fabian Humboldt Low – tornou-se uma influente autora, tradutora e editora, tanto antes quanto depois desposar o revolucionário russo e mais tarde embaixador soviético Maxim Litvinov (Carswell, 1983 e O’Keefe, 2019).

Assim como aconteceu com os irmãos, as dificuldades financeiras da família não impediram Barbara Low de receber uma educação progressista de primeira qualidade. Ela frequentou inicialmente a *Francis Mary Buss School* – uma das principais escolas para meninas da época, cujo nome homenageia a pioneira da educação feminina britânica. Mais tarde obteve o seu diploma acadêmico na *University College London* (UCL). Realizou sua formação específica para atuar como professora no *Maria Grey Training College*, o primeiro instituto de formação de professores para mulheres na Grã-Bretanha, também nomeado em homenagem a outra pioneira britânica na educação feminina fundamental e superior. Depois de lecionar durante algum tempo em algumas escolas femininas, Low trabalhou na *Hackney Downs School* (escola secundária para meninos) durante os anos da Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, lecionou educação, história e literatura no *London*

---

<sup>6</sup> A lista completa e informação biográfica básica sobre os pais de Low e todos os seus irmãos podem ser encontradas na base de dados genealógica Geni. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Alice-Low/6000000181458077874>.



*County Council Training College for Teachers*, em Fulham, ao que tudo indica, com grande sucesso e reconhecimento (Greer, 2014, Yorke, 2002b/2005 e Franklin, 1956).

Os últimos anos da sua carreira docente coincidiram com o início do seu envolvimento com a psicanálise. O seu primeiro contacto com as ideias de Freud foi através do seu cunhado David Montague Eder, que desposara sua irmã Edith em 1909. Nessa época, Eder já começava a direcionar seus interesses sociais e científicos para a psicanálise. Essa aproximação se intensificou com a turbulência que envolveu seu divórcio da esposa anterior, a qual acabou por cometer suicídio. O seu envolvimento inicial com Edith, também ainda casada naquela altura, foi inevitavelmente conturbado e estressante. Como resultado, ambos começaram um tratamento analítico, Eder com Jones e Edith com Jung (Thomson, 2011). Mais tarde, em 30 de setembro de 1911, Eder proferiria o primeiro discurso sobre a psicanálise freudiana perante uma sociedade médica na Inglaterra, na Secção de Neurologia e Medicina Psicológica da 79ª Reunião Anual da Associação Médica Britânica (Eder, 1911 e Jones, 1912).

Seja como for, é evidente que Low já estava envolvida com a psicanálise no início da década de 1910. De acordo com Kuhn (2017), tanto Barbara como Edith participaram de uma reunião na então recentemente criada *Psycho-Medical Society* em janeiro de 1913, na qual foi discutido o artigo de Ferenczi de 1912 “A psicanálise da sugestão e da hipnose”. Várias outras mulheres que logo desempenhariam papéis significativos nos primeiros estágios do desenvolvimento institucional da psicanálise britânica também estavam presentes, tais como Constance Long, Jessy Murray e Joan Riviere. Mais tarde, nesse mesmo ano, em 30 de outubro, Ernest Jones fundaria a primeira instituição psicanalítica britânica – a *London Psychoanalytical Society* (LPS) – assumindo a sua presidência, tendo Eder como primeiro secretário e Douglas Bryan como vice-presidente<sup>7</sup>.

A LPS teve vida curta. Conflitos constantes eclodiram, muitas vezes devido à crescente oposição entre os grupos junguiano e freudiano (Hinshelwood, 1998). Em 1919, a sociedade foi dissolvida, e a BPS tomou o seu lugar. Barbara Low estava entre os seus membros fundadores – a única mulher e única judia, algo que ela orgulhosamente recordaria nos seus últimos meses de vida, como visto acima<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Hinshelwood (1998) inclui Barbara Low e Edith Eder neste primeiro grupo, juntamente com outros nomes apresentados como membros, mas que não estão listados no relatório publicado no *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse* (v. 2, n. 4, 1941, p. 411). A única mulher que figura nesta lista é Constance Long.

<sup>8</sup> Robinson (2011) menciona que nove membros estiveram presentes na primeira reunião da BPS em 20 de fevereiro de 1919. Estes devem ser os “seis ou sete médicos” aos quais Low se referiu na carta citada acima.

### 3. “Os interesses da psicanálise no coração”: Low na instituição psicanalítica

Durante o tempo que passou residindo no Canadá, Jones trabalhou ativamente para promover a presença da psicanálise nos EUA e organizar a primeira instituição psicanalítica *nacional* naquele país. A *New York Psychoanalytic Society* tinha sido criada um pouco antes sob a direção de Abraham A. Brill. A *American Psychoanalytic Association* foi oficialmente criada em Baltimore a 9 de maio de 1911, com Putnam como presidente e Jones como secretário (Maddox, 2006). De volta à Inglaterra em agosto de 1913, não é de surpreender que Jones tenha começado quase que imediatamente a planejar a formação de uma associação psicanalítica local. No entanto, seu regresso coincidiu com o afastamento entre Freud e Jung. O abismo que os separava continuava a aumentar e estava prestes a atingir um ponto sem volta. Por um lado, Jones substituiu de bom grado Jung como segundo-em-comando de Freud; por outro lado, a Sociedade Psicanalítica de Londres nasceu com uma divisão interna inata que explica, pelo menos em parte, a sua breve existência.

A *British Psychoanalytical Society*, expurgada dos elementos dissidentes, foi formada em 1919 (Robinson, 2011). Barbara Low era agora a única judia entre os membros fundadores, uma vez que Eder – um dos criadores de problemas junguianos – estava entre os excluídos e, de qualquer maneira, estava ausente do país, envolvido em sua militância sionista, e só regressaria a Londres em 1922 (Thomson, 2011)<sup>9</sup>. A maioria dos membros provinha agora dos meios cristãos, muitas vezes com uma orientação agnóstica e preocupações predominantemente humanistas (King, 1991a). Por mais impiedosa que a devassa possa ter sido, os efeitos parecem ter sido positivos, uma vez que a nova associação se desenvolveu rapidamente, de maneira sólida e estável desde o início. Criada em 20 de fevereiro de 1919, sua primeira reunião científica teve lugar já em maio. Depois de David Forsyth ter apresentado a primeira comunicação a 15 de maio, Barbara Low ficou encarregue da segunda – um trabalho metodológico sobre “Anotações e relato de casos psicanalíticos” (12 de junho de 1919) que, segundo Kohon (1986/2018, p. 28), enfatizava “a preocupação britânica com o imediatismo da situação clínica”.

Low não permaneceria como a única mulher na BPS durante muito tempo. Hinshelwood (1998) afirma que, já no primeiro ano de existência da Sociedade, cinco dos vinte e sete membros eram mulheres. Quatro anos mais tarde, este número tinha aumentado para dezessete em um total de cinquenta e quatro, fazendo da BPS a instituição nacional com a maior proporção de membros femininos dentro da IPA. As razões para esta relativa excepcionalidade são múltiplas. Durante a I Guerra Mundial, muitas mulheres britânicas tiveram a sua primeira experiência de trabalho fora do

---

<sup>9</sup> Entre os excluídos encontravam-se também Constance Long e Maurice Nicoll (Robinson, 2011).

lar. Dentre estas, várias procuraram educação e formação específica para se qualificarem tendo em vista uma carreira profissional quando a guerra terminasse. Cerca de metade das mulheres da primeira geração de analistas britânicos provinha de uma experiência anterior na Clínica Médico-Psicológica fundada em 1913 por Jessie Murray, médica e ativa militante pelo voto feminino, e sua amiga Julia Turner, uma educadora e administradora escolar, na época, vice-diretora de uma escola liberal para mulheres – a *Fir Grove House Ladies' School* (Valentine, 2009 e Raitt, 2004).

A Clínica Médico-Psicológica oferecia serviços de saúde mental de baixo custo a uma vasta clientela. Os seus profissionais recebiam uma formação clínica teoricamente eclética da qual a psicanálise não estava ausente. O número de mulheres empregadas pela clínica aumentou durante a guerra, quando o número de pacientes combatentes ou não combatentes que procuravam tratamento para neuroses traumáticas e outras doenças nervosas se tornou compreensivelmente mais elevado, e algumas delas acabariam se direcionando para a psicanálise e a nova sociedade que a representava. Por sua vez, Jones incentivava a participação de mulheres na Sociedade, tanto por convicção pessoal, quanto porque esta atitude convergia com o seu projeto de colocar a psicanálise britânica na vanguarda do movimento psicanalítico internacional. As novas fronteiras do conhecimento e da prática psicanalítica na época pareciam-lhe situar-se em domínios como a análise de crianças, o desenvolvimento pré-edipiano e a sexualidade feminina – temas que se contavam entre os principais interesses das primeiras mulheres analistas (Thompson, 1987). Em carta a Freud de 30 de setembro de 1927, Jones comenta que as questões relacionadas ao psiquismo infantil estão entre os principais interesses dos psicanalistas britânicos e que isso se deve ao grande número de mulheres na Sociedade, que “se consagram amplamente ao estudo e à análise de crianças” (Paskauskas, 1995/1998, p. 722). Ele nomeia Barbara Low, Susan Isaacs, Ella Sharpe e Mary Chadwick, entre outras. Essa carta é ainda mais significativa por se tratar de correspondência oficial da *International Psychoanalytical Association* e não de uma carta pessoal.

Além disso, muitas mulheres das elites socioeconômicas e intelectuais britânicas já tinham tido algum contato prévio com as ideias de Freud através dos círculos artísticos e literários que frequentavam, nos quais a psicanálise se tornou conhecida e popular, mesmo antes de o movimento psicanalítico britânico ter iniciado o seu processo de institucionalização. Como diz Alexander (1998, p. 137), uma das principais razões pelas quais a psicanálise floresceu em solo britânico foi “o interesse de mulheres emancipadas”. Essa contribuição se deu tanto em termos de participação institucional quanto de inovação teórica. Meisel e Kendrick (1985, p. 43) observam que, na BPS, durante a década de 1920, “a faísca intelectual que existia parece ter vindo frequentemente das mulheres”. Estas

mulheres, a quem James Strachey se referia coletiva e jocosamente como “as senhoras” nas cartas a sua esposa Alix, incluíam Barbara Low, além de outras como Ella Sharpe, Mary Chadwick, Sylvia Paine e Marjorie Franklin.

Como outros membros da sociedade recém-fundada, Low foi para o exterior no início da década de 1920 em busca de análise. A sua escolha foi Hans Sachs em Berlim, tal como o fizeram outras das suas colegas, como Sylvia Payne e Ella Sharpe. Mais tarde, ela faria uma análise didática com Jones (King, 1991a). Depois de iniciar sua prática psicanalítica como membro pleno da BPS, o seu empenho se intensificou, tendo desempenhado múltiplos papéis e desenvolvido diferentes atividades, muitas vezes em posições de responsabilidade. Em 1924, poucos anos após a criação da BPS, Jones seguiu o exemplo de Berlim e fundou o Instituto de Psicanálise como uma instituição formalizada e voltada para a integração entre prática clínica, formação de analistas, publicação e investigação. O Instituto absorveu a *International Psychoanalytic Press*, criada para a disseminação da psicanálise em língua inglesa, e se valeu da parceria recentemente estabelecida por esta última com a Hogarth Press de Leonard e Virginia Woolf para a publicação das obras de Freud em inglês (Maddox, 2006). Low atuou durante anos como bibliotecária do Instituto – um papel de relevo, tendo em conta as funções editoriais, de arquivamento, científicas e formativas da instituição (Franklin, 1956).

Anos mais tarde, com a chegada de Freud e da família a Londres em 06 de junho de 1938, outro empreendimento editorial essencial tomaria forma como resposta à preocupação de Freud com a perda das revistas psicanalíticas alemãs e da *Internationale Psychoanalytische Verlag* sob o regime nazista. A *Imago Publishing Company* foi fundada pelo escritor e editor modernista John Rodker e em breve começaria a publicar as *Gesammelte Werke* de Freud e, mais tarde, outras obras cruciais para a compreensão do surgimento da psicanálise, como a correspondência Freud-Fliess, que veio a público em 1950. Barbara Low fez parte do primeiro conselho administrativo da nova editora, juntamente com o filho de Freud, Martin Freud, e o próprio Rodker (Yorke, 2002a/2005). Ela também lideraria o comitê de hospitalidade para os “Colegas da Áustria” que chegavam a Londres, criado em março de 1939 (Maddox, 2006), para cuja indicação, com certeza, contribuíram a sua condição judaica, sua fluência na língua germânica e o fato de ser, a essa altura, um dos membros mais veteranos da BPS.

Low sempre participou ativamente nas reuniões e debates da BPS ao longo de toda sua carreira. Já no final da vida, John Bowlby a recordaria como alguém que “falava frequentemente nas reuniões, por vezes durante demasiado tempo”, com um certo “zelo missionário”, mas sempre

evitando ataques pessoais e tendo, acima de tudo, “os interesses da psicanálise no coração” (Kahr, 2012, p. 38). Para além de debater, ela também atuava intensivamente como conferencista. Na sua carta de 16 de fevereiro de 1954, dirigida a Edward Nehls, Low viria a afirmar que “a única coisa que alguma vez fui capaz de fazer com sucesso foi palestrar” (Greer, 2014, p. 186). Esta declaração atesta o seu empenho na defesa e divulgação da psicanálise, ainda que subestime sua contribuição, como se verá mais adiante. A sua experiência como professora certamente contribuiu para torná-la uma conferencista talentosa e experiente mesmo antes de se envolver com a psicanálise e se tornar analista.

De fato, as palestras e intervenções de Low estiveram longe de passar despercebidas e, em diversas ocasiões, tiveram consequências e repercussões significativas. Como já foi mencionado acima, em 12 de junho de 1919, ela apresentara a segunda comunicação científica da recém-criada BPS. Alguns anos mais tarde, a 4 de maio de 1927, depois de as ideias kleinianas já se terem começado a se difundir na Inglaterra e a própria Klein ter-se mudado para Londres em 1924, Low apresentou uma longa e detalhada resenha do livro recentemente publicado por Anna Freud, *Introdução à técnica da análise se crianças* (1927). Em sua carta a Freud de 30 de setembro de 1927, Jones observa que a resenha de Low era excelente, abrangente, detalhada e praticamente uma tradução (Paskauskas, 1995/1998, p. 724). Anna Freud tinha antes feito uma comunicação em Berlim, em 19 de março de 1927, apresentando seu trabalho e criticando os pontos de vista de Melanie Klein. O *Simpósio sobre Análise Infantil*, que marcou época na psicanálise inglesa, foi uma reação a esta apresentação de Barbara Low e deu continuidade aos debates que se seguiram a ela. Ele incluiu as contribuições críticas de Melanie Klein, Joan Riviere, Nina Searle, Ella Sharpe, Glover e Jones em intervenções que tiveram lugar entre 04 e 18 de maio e foram posteriormente publicadas no *International Journal of Psychoanalysis* (v. 8, 1927, pp. 339-391) (Maddox, 2006, King, 1983 e Kohon, 1986/2018). No entanto, essa publicação, significativamente, não incluiu a resenha estendida de Low que havia desencadeado todo o debate, talvez indicando a crescente influência das visões kleinianas na psicanálise britânica. Mesmo assim, os debates continuaram a ganhar força e, em fevereiro de 1929, Barbara Low juntou-se a Melanie Klein e Nina Searle num comitê especial para discutir e apresentar sugestões sobre a formação de analistas de crianças pela Sociedade. O Comitê apresentou seu relatório à BPS em junho, mas, apesar das medidas tomadas, as tensões acabariam por explodir no início dos anos 40, durante a guerra e já após a morte de Freud, naquilo que ficou conhecido como as “controvérsias Freud-Klein” (King, 1983 e King e Steiner, 1991).

A participação de Low nas controvérsias merece um trabalho à parte, mas aqui só é possível destacar alguns episódios para indicar o seu papel central nessa importante série de acontecimentos<sup>10</sup>. As controvérsias tiveram lugar em tempo de guerra, quando muitos membros seniores se encontravam fora de Londres em serviço médico militar ou se tinham mudado para o campo, especialmente após as experiências traumáticas da “Blitz” (os bombardeios quase diários de Londres entre setembro de 1940 a maio de 1941). Nessas circunstâncias, os debates foram frequentemente conduzidos pelos membros mais jovens da BPS e, entre eles, pelas mulheres analistas que, mesmo quando engajadas no esforço de guerra, permaneceram em Londres ou nas proximidades. Nessa altura, Low já era membro da Sociedade havia mais de vinte anos. Steiner (1991, p. 178) menciona-a como “um dos membros mais antigos da primeira geração de psicanalistas britânicos”. Ela era, sob todos os aspectos, considerada uma veterana pelos seus pares e, compreensivelmente, tomou o partido freudiano mais conservador contra o grupo kleiniano. Muitos dos seus interesses teóricos e práticos de longa data, como as contribuições da psicanálise para a educação, a inclinavam para os pontos de vista defendidos por Anna Freud e os seus seguidores. No entanto, Kohon (1986/2018) a inclui no “*Middle Group*” que daria origem à tradição independente da psicanálise britânica, não alinhada, nem comprometida exclusivamente com qualquer dos dois grupos<sup>11</sup>.

Tal como ocorrera com o simpósio sobre a análise infantil na década de 1920, um artigo de Low desencadeou as controvérsias da década de 1940. Ela falou perante a Sociedade em 5 de novembro de 1941 sobre o tema “A Sociedade Psicanalítica e o Público”, e sua fala gerou debates acalorados que se prolongaram por mais duas Reuniões Científicas subsequentes. Na terceira reunião, em 17 de dezembro, John Rickman – um analista que, tal como Low, se preocupava intensamente com a responsabilidade social da psicanálise – alterou-se em público e acusou violentamente os dirigentes e diretores da BPS de serem desrespeitosos para com o público, de não terem consideração por outras categorias profissionais e de desconhecerem os interesses e necessidades da comunidade em geral. Como resultado, Low e três outros membros (Melitta Schmideberg, Adrian e Karin Stephen) assinaram uma proposta exigindo que o Conselho Diretor convocasse uma reunião extraordinária para discutir esta e outras questões polêmicas relativas ao *modus operandi* da Sociedade. Esta reunião acabaria sendo a primeira de uma série de cinco realizadas entre fevereiro e junho de 1942, constituindo a primeira fase das “Controvérsias” propriamente ditas. Na primeira dessas reuniões, em 25 de fevereiro, Low realizou outra intervenção prolongada, desenvolvendo os

---

<sup>10</sup> A maior parte do que se segue é baseada em King e Steiner (1991), exceto quando é indicada outra fonte.

<sup>11</sup> King (1987) contesta essa interpretação, que também é discutida em Caropreso e Simanke (2022).

seus pontos de vista propostos na comunicação anterior e suscitando mais manifestações de argumentos contra e a favor. A sua intervenção não foi registrada nas atas, nas quais consta apenas um resumo redigido no dia seguinte. O cerne da sua argumentação era que as dificuldades em lidar com o público resultavam das divisões internas da BPS. Low falava por experiência própria, uma vez que, para além de ser bibliotecária, tinha também feito parte do Comitê de Palestras Públicas do Instituto de Psicanálise e sempre apreciara proferir palestras direcionadas a um público mais amplo e não especializado (King, 1991b). Ela argumentou também que essas divisões provinham de diferenças científicas no âmbito do grupo, as quais repercutiam em diversas concepções sobre a formação de analistas. Na segunda reunião de trabalho, realizada a 11 de março, Low defendeu a criação de um subcomitê para resolver essas diferenças científicas. A discussão desta proposta e de outras apresentadas na ocasião levou às polêmicas científicas que se seguiram. Pouco tempo depois desta primeira série de debates, na Assembleia Geral Anual de 29 de julho, a SPB decidiu eleger uma comissão de cinco membros para averiguar questões relativas à titularidade, multiplicidade e acumulação de cargos. Por voto secreto, tanto presencial quanto por correspondência, Barbara Low foi eleita para mais essa comissão, juntamente com Anna Freud, Edward Glover, Sylvia Paine e Adrian Stephen.

Low continuou a ser uma das participantes mais empenhadas nos debates ao longo das reuniões seguintes até se retirar das controvérsias em apoio a Glover, quando este renunciou a seus cargos em 1944. Desde a primeira reunião, propôs frequentemente resoluções para serem votadas sobre temas relacionados com as suas principais preocupações, como as relações públicas e a inserção social da BPS. Apoiou também a criação de uma Secção Educacional Especial, na Reunião Anual Ampliada de 03 de novembro de 1943. O seu papel em desencadear as principais polêmicas foi frequentemente reconhecido nos debates. Mesmo adoentada e impossibilitada de comparecer pessoalmente, ela criticou severamente o artigo de Susan Isaacs sobre “A natureza e a função da fantasia” que, após sua publicação posterior, se tornaria um dos clássicos da psicanálise kleiniana nascente. O acompanhamento de suas intervenções através das atas mostra claramente a frequência, o caráter incisivo e o empenho da participação de Low. Na sua Introdução às Reuniões Científicas que se seguiram às primeiras Reuniões Administrativas das controvérsias, Steiner (1991, p. 171) se refere a Low como “um dos membros que lideravam Sociedade Britânica”, ao lado de figuras de destaque como Jones, Glover e Anna Freud. O panorama geral da sua atividade institucional aqui esboçado também aponta para esta conclusão.

#### 4. Livros e autores: psicanálise e literatura

Na década de 1920, o desenvolvimento da psicanálise na Grã-Bretanha já estava solidamente entrelaçado com a literatura, desde os clássicos ingleses, começando com Shakespeare, até as tendências modernistas e de vanguarda. A interseção entre a psicanálise e a literatura não era nova. Freud havia aberto o caminho para essa aproximação desde suas primeiras observações em *A Interpretação dos Sonhos* sobre as raízes edípicas da hesitação de Hamlet. Posteriormente, ele contribuiu com uma série de estudos sobre obras e temas literários durante as duas décadas seguintes. Ernest Jones foi um dos primeiros psicanalistas a explorar sistematicamente essa interface. Seguindo o exemplo de Freud, seu “*A Psychoanalytic Study of Hamlet*” (Jones, 1910/1923), incluído na coletânea *Essays on Applied Psychoanalysis*, era já uma versão ampliada e revisada de trabalhos anteriores publicados em inglês e alemão nos anos 1910.

Por razões óbvias, essa visão psicológica do personagem literário foi desaprovada pelos acadêmicos de Cambridge ligados à Nova Crítica, tais como Basil Wiley e Lionel C. Knights, com sua proposta de uma análise centrada na obra e seu ideal de uma abordagem objetiva. Em suas memórias, Wiley (1968, p. 23), por exemplo, comenta: “Lembro-me de como todos nós achamos uma piada quando Ernest Jones psicanalisou Hamlet e o diagnosticou como portador de algo chamado complexo de Édipo”. Knights (1933) faz uma crítica direta a essa abordagem psicológica. O estudo de T. S. Elliot (1934) sobre Hamlet – em muitos aspectos exemplar da orientação seguida pela Nova Crítica – adota praticamente a perspectiva oposta à de Jones, ao defender a ênfase na estrutura narrativa da obra, em vez das motivações de seu personagem principal que tanto fascinavam os estudiosos de Shakespeare até então. No entanto, como Forrester e Cameron (2017) discutem, a influência de Freud pode ser sentida de forma oblíqua, mas forte, em outros autores da mesma tendência, como Ivor A. Richards, por exemplo.

Seja como for, em meados da década de 1920, Virginia Woolf, falando ao clube dos Hereges de Cambridge, estava à vontade para afirmar que “se você ler Freud, saberá em dez minutos alguns fatos [...] que nossos pais não poderiam ter adivinhado por si mesmos” (Forrester e Cameron, 2017, p. 511), contribuindo decisivamente para estabelecer o fundador da psicanálise como um dos ícones do modernismo britânico. Alguns anos depois, seu marido, Leonard, discutindo a tradução de Freud para o inglês com o psicanalista John Rickman, lhe escreveria afirmando que Freud tinha um apelo mais amplo que não deveria se restringir à psicanálise (Steiner, 1988). De fato, o Grupo de Bloomsbury – que se formou em torno de Virginia, sua irmã Vanessa e seus amigos formados, principalmente, em Cambridge – desempenharia um papel significativo na associação de Freud com



as tendências de vanguarda das *belle-lettres* britânicas. Além dos Woolfs e de E. M. Forster, escritores como Lytton Strachey e Desmond MacCarthy estavam entre seus principais membros; seus conhecidos mais próximos também incluíam T. S. Elliott e Katherine Mansfield. Por sua vez, vários de seus parentes e associados acabariam se tornando psicanalistas, como os casais formados por Adrian Stephen (irmão de Virginia) e sua esposa Karin, James (irmão de Lytton) e Alix Strachey.

Também nesse aspecto, a carreira de Barbara Low é bastante típica da psicanálise britânica da época. Como visto acima, ela teve formação acadêmica e lecionou inglês e literatura antes de se tornar psicanalista. Além de educação e história, ela também lecionou sobre literatura em seu tempo no *Fulham Training College for Teachers*. Ao escrever para Freud sobre a tradução para o inglês feita por Low de um artigo de Hermine von Hugh-Hellmuth, Jones, em sua carta de 07 de dezembro de 1921, se refere a ela como “uma professora de literatura inglesa” (Paskauskas, 1995/1998, p. 526).

Suas habilidades linguísticas a qualificavam como uma tradutora confiável. Além de suas traduções de dois livros de Anna Freud (1931 e 1935) e de outros autores ligados ao campo psicanalítico como Pfister (1922), ela frequentemente revisava e corrigia outras traduções, como Jones também observa em várias de suas cartas a Freud (Paskauskas, 1995/1998, p. 489 e 552-553; cartas de 23 de fevereiro de 1921 e 10 de abril de 1922). Mais importante ainda, Low colaborou decisivamente na tradução do estudo de caso que Freud (1920b) dedicou a sua paciente Margarethe Csonka (a “jovem homossexual” do título), publicado na primeira edição do *International Journal of Psychoanalysis* (Shapira, 2023). Não se tratava apenas de um trabalho mecânico de tradução. Como Richards (2000, p. 185) afirma, essas primeiras versões para o inglês de Freud e de outras obras psicanalíticas estavam, de fato, criando uma “linguagem psicanalítica anglófona [que] rapidamente passou a ter um caráter técnico distinto e prontamente identificável”. Esse mesmo autor credita especificamente Jones, os Stracheys e Barbara Low por essa realização. Assim, a responsabilidade da tarefa exigia talento, dedicação e responsabilidade, e o seleto grupo a assumi-la incluía, além de Low, outros “tradutores e revisores confiáveis”, tais como Joan Riviere, John Flügel, William Stoddart e Caroline Hubback (Forrester e Cameron, 2017, p. 533).

O próprio Freud parece ter percebido em Barbara Low principalmente uma especialista em literatura inglesa, além de seu valor como uma divulgadora da psicanálise na Inglaterra. Em 28 de junho de 1954, ela escreveu uma nota a Kurt Eissler, que então entrevistava pessoas em busca de depoimentos sobre suas recordações de Freud para os Arquivos. Ela precisou recusar o convite de Eissler para a entrevista, devido à doença que a afligia e da qual, com efeito, não viria a se recuperar,

enviando-lhe, em vez disso, um relato de quatro páginas de próprio punho<sup>12</sup>. Declarou aí ter se encontrado pessoalmente com Freud pela primeira vez no Congresso da IPA de 1922 em Berlim. Segundo ela, eles “conversaram quase que exclusivamente sobre livros e autores”, e Freud “estava interessado no fato de H. G. Wells e Shaw serem amigos meus e de minha família”<sup>13</sup>. Ela também comentou sobre a familiaridade de Freud com escritores ingleses contemporâneos e sobre como eles haviam discutido sobre os respectivos méritos de Wells e Arnold Bennett. Esse foi o contato mais próximo que ela teve com Freud. Ela, porém, o encontraria brevemente em outras ocasiões – nos Congressos Internacionais de Haia e de Innsbruck e visitando-o em sua casa logo após sua chegada em Londres<sup>14</sup>.

O contacto mais significativo entre a psicanálise e a literatura na vida e carreira de Low foi a sua amizade com o romancista D. H. Lawrence e a sua esposa, Frieda. Barbara conheceu Lawrence através do seu cunhado David Eder que, por sua vez, foi apresentado a ele pela sua sobrinha Ivy. Ivy tinha passado seis semanas com ele e Frieda, como hóspede na sua casa em Itália, na praia de Fiascherino, perto de La Spezia, durante o verão de 1914, depois de ter escrito a Lawrence através dos seus editores e de ter recebido um convite inesperado. A amizade de Lawrence com Eder e Barbara iria durar muito mais do que a admiração inicial de Ivy por ele. Lawrence e Eder tinham muito em comum, incluindo um entusiasmo partilhado pelo projeto utópico de uma comunidade de escritores. Como diz Maddox (1994, p. 196), “os Eders [David e Edith] eram o epítome do progressismo”, e Lawrence visitava-os frequentemente na sua casa de Hampstead Garden, “uma comunidade por direito próprio” e “um centro para socialistas, feministas, psicanalistas e sionistas”.

Eder e Barbara introduziram Lawrence à psicanálise, embora ele tenha tido algum contacto anterior com as ideias psicanalíticas através da sua esposa, que tinha sido próxima do psicanalista Otto Gross. Alguns dos seus romances anteriores a esta época já mostram sinais dessa influência, o que não passou despercebido a Ivy Low em sua descoberta entusiasmada da obra de Lawrence. Diz ela em sua contribuição a biografia coletiva de Nehls:

[...] um dia eu encontrei *Filhos e amantes* [na estante de minha mãe], levei-o comigo a meu apartamento e o li de ponta a ponta numa única noite. Na manhã seguinte, comprei meia dúzia

---

<sup>12</sup> Disponível em *Sigmund Freud Papers: Interviews and Recollections, 1914-1998. Set A, 1914-1998; Recollections; Low, Barbara; undated*. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/mss3999001651> e <https://www.loc.gov/item/mss3999001650>. Consultado em 15 de agosto de 2022. Ver também Silva (2019).

<sup>13</sup> Wells tinha sido amigo próximo do irmão de Low, Walther, pai de Ivy Litvinov (Rubinstein *et al.*, 2011). Sua irmã Edith teve um breve caso amoroso com ele (Maddox, 1994). Low também convivia com Wells e Bernard Shaw através da *Fabian Society*, da qual os três foram membros.

<sup>14</sup> Barbara e sua irmã Edith visitaram Freud em 09 de junho de 1938, poucos dias depois de sua chegada a Londres (Greer, 2014, p. 78).

de cartões postais e neles escrevi: “Descobri um gênio!”, “Não deixem de ler Filhos e amantes!”, “Este é um livro sobre o complexo de Édipo!” (Nehls, 1957, p. 215)<sup>15</sup>

Numa entrevista com o tradutor francês e estudioso de D. H. Lawrence, Émile Delavenay – que então iniciava as pesquisas que resultaram, anos mais tarde, em sua obra sobre os anos de formação de Lawrence<sup>16</sup> –, Barbara Low informou-o de que Lawrence começara a ler sobre psicanálise por volta de 1916, que ela, Eder e Edith tinham-no iniciado no conhecimento desta disciplina e mais tarde lhe emprestaram a obra *Símbolos da transformação* de Jung (Delavenay, 1989).

Posteriormente, Lawrence incorporaria elementos psicanalíticos em seus romances, mesmo que de forma satírica, como, por exemplo, o personagem “russo”, Libidnikov, de *Mulheres apaixonadas*, que provavelmente é uma condensação entre o nome do marido de Ivy, Maxim Litvinov, e o termo psicanalítico “libido” (Brown, 2019). Ele também escreveria dois ensaios críticos, “A psicanálise e o inconsciente” e “A fantasia do inconsciente”, inicialmente destinados a responder às críticas endereçadas por autores do campo psicanalítico a seu romance *Filhos e amantes*. O papel de Low no processo que levou a esses ensaios pode ter sido mais significativo do que geralmente se reconhece. Em sua contribuição para a biografia coletiva de Lawrence compilada por Edward Nehls, o escritor e jornalista inglês Douglas Goldring observa:

[...] [Samuel S.] Koteliensky e Barbara Low estavam entre os amigos mais próximos de Lawrence e despenderam muito tempo e energia a seu serviço, exatamente como se ele fosse um pequeno Messias. [...] A associação de Lawrence com Kot e Barbara Low durou tanto tempo que deve ter resultado numa correspondência considerável [...]. Acredito que os estudos psicanalíticos de Lawrence foram em grande parte dirigidos e incentivados pela Srta. Low, a qual suspeito que tenha uma participação considerável em seu [ensaio] “A psicanálise e o inconsciente”. (Nehls, 1957, p. 491)<sup>17</sup>

Nehls entrou em contato com Low como parte de sua pesquisa para esta biografia coletiva. As cartas a ele mencionadas acima resultaram desse contato. Provavelmente, ele desejava dela um depoimento escrito sobre seu conhecimento pessoal de Lawrence para incluir no trabalho – convite que a sua doença a impediu de aceitar. Nehls, no entanto, publicou em seu livro diversas cartas de Lawrence a Low, então inéditas. Estas e as demais foram depois publicadas na edição completa das cartas de Lawrence (Zytaruk e Boulton, 1981). As cartas de Low a Lawrence permanecem inéditas.

<sup>15</sup> Ver também Maddox (2006, p. 123 e 1994, p. 182) e Zytaruk e Boulton (1981, p. 1).

<sup>16</sup> Delavenay encontrou-se com Barbara Low em seu consultório em Londres em 25 de outubro de 1934. Seu livro sobre Lawrence só seria publicado trinta e cinco anos mais tarde (Delavenay, 1969).

<sup>17</sup> Ver também Greer (2014, p. 79).

Low continuou sendo amiga de Lawrence e Koteliansky durante toda a vida deles. Ela menciona a morte de Kot com pesar a Nehls em sua carta de 10 de fevereiro de 1955 (Greer, 2014, p. 190). Embora Low não tenha escrito sobre literatura e psicanálise, a não ser sob a forma de resenhas, seus interesses nesses dois campos se apresentam claramente inter-relacionados. Essa relação deve ter sido explorada em suas palestras voltadas para um público amplo, das quais, no entanto, restam poucos registros e evidências. Ela não hesitou em criticar Roger Fry – pintor e crítico de arte ligado ao Bloomsbury Group – por suas opiniões que separavam a arte e a estética do processo mental básico e das necessidades físicas exploradas pela psicanálise (Stonebridge, 1998). Pelo que se sabe de sua vida pessoal e profissional, pode-se especular que, para Barbara Low, a mente, a linguagem e a arte formavam um campo unificado de investigação sobre o qual a psicanálise sempre teria algo de original a dizer.

## 5. O inconsciente em ação: psicanálise aplicada e divulgação científica

A *Berliner Psychoanalytische Poliklinik* foi criada por Max Eitingon, Karl Abraham e Ernst Simmel em 1920, a fim de proporcionar oportunidades de treinamento e experiência clínica para novos psicanalistas, assim como disponibilizar tratamento acessível para pacientes com poucos recursos financeiros. Barbara Low teve a chance de conhecer pessoalmente a instituição alemã durante sua estadia em Berlim para análise com Hans Sachs. Ainda em 1920, ela já argumentava incisivamente em Londres pela criação de uma instituição semelhante para os mesmos fins, o que finalmente aconteceria quatro anos mais tarde (Robinson, 2011 e Glover, 1966). Este episódio ilustra suas preocupações com as funções sociais da psicanálise, tornando compreensíveis diversos aspectos de sua carreira como psicanalista, assim como as causas a que se dedicou em seu percurso.

Essa inclinação torna sua atividade institucional mais compreensível, inclusive no que se refere às posições que ela ali assumiu (a biblioteca, o Comitê de Conferências Públicas etc.), assim como suas atitudes e posições durante as controvérsias, inclusive a própria comunicação que desencadeou os debates. Suas obras publicadas também podem ser compreendidas desde essa perspectiva. Elas se endereçam predominantemente a questões de psicanálise aplicada, com destaque para o campo, socialmente relevante, de suas contribuições à educação. A mesma preocupação social está presente em sua dedicação à divulgação da psicanálise, na qual se insere seu trabalho constante como resenhista e o livreto que viria a se tornar sua publicação mais conhecida. Além de apresentar a psicanálise para o público em geral, ela visava com isso também torná-la disponível como uma

ferramenta teórica e metodológica aos mais diversos setores de atividade (saúde mental, educação, criminologia, crítica literária, entre outros).

A aplicação das ideias de Freud à educação já estava na agenda da psicanálise britânica há algum tempo quando Low publicou seus trabalhos mais significativos sobre o assunto no final da década de 1920. Jones também havia publicado sobre o assunto desde 1910 e transformou duas dessas publicações em capítulos de seus *Papers on psychoanalysis* (Jones, 1910/1923, 1912, 1913a e 1913b). Como ex-professora, Low estava compreensivelmente muito propensa a seguir seus passos. Não é de surpreender, assim, que uma de suas primeiras publicações fosse sobre esse assunto. Entre outubro e novembro de 1923, Jones, Low e outros analistas britânicos palestraram sobre psicanálise aplicada numa série de conferências organizada “sob os auspícios da *Sociological Society*”, como consta na capa do volume subsequentemente editado. Os tópicos eram diversos e tinham em comum o seu foco nas questões sociais e sua orientação interdisciplinar. Eles incluíam “A relação da psicanálise com a sociologia” (Jones), “O homem e o indivíduo” (James Glover), “A família” (John Flügel) e “Vocação” (Ella Sharpe). Como seria de se esperar, Eder falou sobre política e Low sobre educação. Jones (1924) editou as palestras numa coletânea que foi publicada no ano seguinte (Richards, 2000). Low tinha essa publicação em alta conta, pois ela a menciona com frequência em outros trabalhos publicados, como na página de rosto de seu livro mais importante sobre psicanálise e educação (Low, 1928). A sua abordagem da educação se concentra no papel que o inconsciente aí desempenha, para cuja compreensão e manejo a psicanálise pode contribuir decisivamente. Diz ela:

É inevitável que as forças inconscientes exerçam grande influência, não apenas no que se refere à relação entre professores e educandos, mas em inúmeras direções: na direção dos colegas, que se tornam irmãos e irmãs ou mesmo pai e mãe substitutos; dos “temas”, que têm nexos com o inconsciente de todas as maneiras possíveis; do processo educacional como um todo, que Freud designou como “a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade envolvendo um alto grau de sublimação”. É inevitável que seja assim; mas, diante de tal situação, nos confrontamos com a obrigação, primeiramente, de *reconhecer e constatar* os fatos – algo que sequer começamos a fazer em nossas ideias e métodos educacionais; em segundo lugar, de nos esforçarmos para aperfeiçoar sistemas e métodos que não aumentem as dificuldades e problemas inerentes a essa inevitável situação, mas sim usem-na para melhor promover a felicidade e o desenvolvimento da criatura humana. (Low, 1924, pp. 177-178, grifos da autora)

Low continuamente retorna, neste e noutros trabalhos sobre o tema, ao princípio freudiano de que, de um ponto de vista psicológico, a educação consiste fundamentalmente na substituição do

princípio de prazer pelo de realidade<sup>18</sup> e que a sublimação desempenha um papel crucial nessa passagem, com todas as consequências que daí decorrem.

Este ponto de vista foi também enfaticamente defendido por Jones (1913b), que aparece como uma influência importante na construção de sua visão desse processo. Low (1929), de fato, inicia seu levantamento sobre o impacto da psicanálise na educação inglesa durante os dezoito anos anteriores, lembrando o primeiro artigo de Jones a esse respeito como um marco nesse desenvolvimento. Um ano antes, ela havia publicado o seu *The unconscious in action* (Low, 1928), sem dúvida um dos exames mais completos e sistemáticos da contribuição psicanalítica potencial para o campo educacional na literatura da época. Ela via o papel do psicanalista como um consultor para educadores em questões psicológicas – um profissional a quem os professores pudessem recorrer quando confrontados com problemas comportamentais e emocionais que prejudicassem a capacidade de aprendizado de seus alunos, assim como fazem com um médico em casos de doenças ou outros distúrbios orgânicos. Além dessa função, o psicanalista poderia também ajudar os professores a aumentarem sua consciência psicológica e a entenderem a mente de seus alunos, especialmente com relação à sexualidade. Além disso, ela não se abstém de apresentar algumas hipóteses de base psicanalítica sobre a psicologia da aprendizagem enquanto tal, centradas mais uma vez no conceito de sublimação, abrindo assim o caminho, por um lado, para uma aplicação mais cognitiva na psicanálise e, por outro, para uma avaliação crítica de algumas das principais tendências educacionais das primeiras décadas do século XX desde uma perspectiva psicanalítica. O ponto cego das teorias e práticas educacionais teria sido negligenciar a relação inextricável entre vida emocional, cognição e aprendizagem:

Os casos considerados, ainda que apenas parcialmente apresentados, revelam suficientemente que a falta de capacidade mental ou seu desajuste provenha de uma situação emocional, a qual se vê em ação sob a forma de fantasia, expressando-se de todas as maneiras concebíveis. É estranho constatar que, muito frequentemente, o processo educacional siga seu caminho sem sequer perceber a existência dos mais importantes aspectos do indivíduo, muito menos ser capaz de interpretá-los. Contudo, sem nenhuma noção sobre a vida de fantasia da criança, o educador está como que vendado. (Low, 1928, p. 10)

Apesar da resistência à aplicação da psicanálise na educação que ela ainda percebia e discutia em seus trabalhos (Low, 1929), *O inconsciente em ação* foi consideravelmente bem recebido. Ele foi

---

<sup>18</sup> Freud enuncia isso no artigo em que propõe formalmente, pela primeira vez, a oposição entre o princípio de prazer e o de realidade: “A educação pode ser descrita, sem maiores rodeios, como a incitação a dominar o princípio de prazer e substituí-lo pelo princípio de realidade; isto é, ela busca prestar seu auxílio ao processo de desenvolvimento que afeta o eu” (Freud, 1911/2024, p. 24).

prefaciado de forma favorável, embora cautelosa, por Sir Thomas Percy Nunn, um dos mais renomados educadores britânicos da primeira metade do século. As resenhas elogiaram sua objetividade e clareza na apresentação de conceitos psicanalíticos básicos a um público não especializado (Newell, 1931), assim como as precauções reiteradas para que o psicanalista não interferisse com as responsabilidades específicas do educador. Para alguns de seus comentadores, o livro poderia ser considerado uma abordagem de ponta para os problemas da educação infantil e preencher “uma lacuna definitiva na literatura educacional” (Flower, 1928, p. 477). Ele teve alguma repercussão em outros analistas que discutiram as relações entre psicanálise e educação após sua publicação (Searl, 1932). No entanto, rapidamente caiu em um esquecimento quase completo, encontrando-se, por exemplo, inexplicavelmente ausente da apresentação das principais obras de Low ao final do obituário redigido por Marjorie Franklin em 1956 ou, quando referido, sendo equivocadamente nomeado<sup>19</sup>.

Em sua carta a Nehls de 16 de fevereiro de 1954, Low admitiu que achava a escrita uma coisa muito complicada para ela, “exceto resenhar” (Greer, 2014, p. 186). Essa exceção se manifesta claramente em sua produção, pois ela foi uma prolífica revisora de livros e artigos sobre psicanálise e outros tópicos relacionados. Num levantamento certamente incompleto, pode-se encontrar cerca de quarenta resenhas apenas em revistas psicanalíticas e há várias outras na imprensa em geral, para a qual ela contribuiu com regularidade. Além de se engajar no debate psicanalítico, essa atividade também servia para seus propósitos de divulgação, oferecendo breves relatos de publicações recentes ao crescente público leitor interessado em psicanálise no contexto britânico. Além disso, a divulgação científica foi a realização mais bem-sucedida de Low, já que ela é lembrada hoje por seu livro introdutório, no qual o conceito do princípio do Nirvana apareceu pela primeira vez.

A maneira como a noção de princípio de Nirvana é introduzida por Low fornece algumas sugestões sobre quais de seus aspectos podem ter contribuído para despertar o interesse de Freud. Ela aparece no terceiro capítulo de seu livro, dedicado à questão da *repressão* e que começa com uma retomada das relações entre princípio de prazer e princípio de realidade que tinham sido discutidas no capítulo anterior. Nessa retomada, ela observa que o caráter primitivo do princípio de prazer permite uma conexão entre prazer e dor, com consequências significativas para a vida psíquica posterior:

---

<sup>19</sup> Ver, por exemplo, o *Psychoanalytikerinnen: Biografisches Lexikon*. Disponível em: [www.psychanalytikerinnen.de/greatbritain\\_biographies.html#Low](http://www.psychanalytikerinnen.de/greatbritain_biographies.html#Low).

Mas é importante notar, com relação a isso, que a assim chamada dor pode estar subordinada ao prazer do indivíduo e ao anseio por intensificar a sensação; daí que seja possível encontrar os impulsos egocêntricos buscando a dor, a fim de transformá-la num prazer mais intenso. (Low, 1920/1923, p. 72)

Os exemplos que ela fornece seriam os casos em que a criança retém sua respiração ou suas excreções para obter um prazer mais intenso quando finalmente liberá-las. Como consequência, “o princípio de prazer está aqui agindo pelo método da dor autoinfligida e dessa fonte provém o desenvolvimento posterior dos impulsos sádicos e masoquistas” (Low, 1920/1923, p. 73). Assim, o princípio de prazer pode dar origem a ações e processos que não sejam, em si, prazerosos, ainda que tenham o prazer como meta final. Mesmo com essa ressalva, a relação com a dor autoinfligida e com os impulsos sadomasoquistas pode sugerir a existência de algo mais profundo e primitivo que o próprio princípio de prazer. É como uma especulação exploratória sobre o que esse estado pudesse ser que a *definição* do princípio de Nirvana é apresentada na sequência:

É possível que, mais profundamente que o princípio de prazer, esteja *o princípio de Nirvana, como se pode chamá-lo* – o desejo da criatura recém-nascida de retornar àquele estágio de onipotência, em que não há desejos não satisfeitos, tal como ela existia dentro do útero materno. (Low, 1920/1923, p. 73, grifos nossos)

É importante observar que Low claramente propõe o Nirvana como um princípio *diferente* do princípio de prazer, mais primitivo e anterior ao mesmo (portanto, situando-se “além” do princípio de prazer). Freud, como se viu, oscila sobre a relação entre os dois princípios e apenas em *O problema econômico do masoquismo* (1924) os distingue clara e definitivamente, adotando, então, uma concepção mais próxima à visão original de Low.

Low não esclarece as razões de ter escolhido a referência à noção hinduísta e budista de Nirvana para nomear seu conceito. Isso pode ter-se dado pela mediação de Jung, cujo interesse pelo pensamento oriental, e pelo budismo em particular, é bem conhecido (Young-Eisendrath, 1997/2008). Tanto a irmã de Low, Edith Eder, quanto seu marido David Eder, analisaram-se durante algum tempo com Jung e colaboraram nas primeiras traduções de seus trabalhos para o inglês (Thomson, 2011 e Bair, 2003/2006). Outra possibilidade, talvez mais provável, é que essa opção tenha sido motivada por uma referência ao pensamento de Schopenhauer, sem ter passado pela mediação de Jung (Silva, 2014). A referência a este e a outros filósofos, como Pascal, Nietzsche e Rousseau, não são raras nos trabalhos de Barbara Low.



Porém, mesmo que essa seja a noção que chamou a atenção de Freud e, por isso, tenha se tornado o aspecto mais conhecido do livro, o princípio de Nirvana está longe de ser seu ponto central. Como já apontado, a autora emprega esta noção exclusivamente na passagem citada, não apenas neste livro, mas em todo o restante de seus trabalhos. O objetivo não foi introduzir uma inovação teórica, mas, em concordância com a intenção didática do trabalho, parece ter sido antes fornecer uma metáfora que contribuísse para a compreensão do sentido das formulações de Freud. O livro, de fato, percorre as noções fundamentais da psicanálise freudiana – sua reivindicação científica, a teoria do inconsciente, o princípio de prazer, o processo primário e a repressão, o método analítico e a interpretação –, concluindo com uma discussão das aplicações sociais da psicanálise que, ao lado de seu valor didático, responde por boa parte da popularidade de que desfrutou. Produzido no calor do conflito institucional que levou à criação da BPS em 1919, o livro, compreensivelmente, apresenta uma profissão de fé freudiana: “A teoria e a técnica freudiana, e apenas estas, constituem a psicanálise” (Low, 1920/1923, p. 10). Sua escrita, contudo, ainda apresenta traços da proximidade de Low com Jung, e Ferenczi também aparece nas entrelinhas como uma influência significativa.

Como visto acima, Barbara Low (1920/1923) apresentou seu *Psychoanalysis: a brief account of the Freudian theory* como o primeiro livro de introdução à psicanálise. Essa afirmação parece ser verdadeira para livros de autores britânicos. A jornalista M. K. Bradby, amiga íntima de Constance Long, já havia antes publicado seu *Psychoanalysis and its place in life* (Bradby, 1919), mas seu livro é dedicado mais a Jung do que a Freud (Bair, 2003/2006). O leitor inglês ainda poderia recorrer a pelo menos dois livros norte-americanos. O mais antigo deles era *Man's unconscious conflict* (1917), de Wilfrid Lay, reconhecidamente uma exposição “popular” das ideias psicanalíticas, conforme seu subtítulo. O outro era um breve relato introdutório – *What is psychoanalysis?* – escrito em um formato prático de perguntas e respostas por um dos primeiros psicanalistas americanos, Isadore Henry Coriat (1919). Todos os outros livros que se puderam identificar foram publicados de 1920 em diante (Richards, 2000). Jones pode ter tido esses predecessores em mente quando escreveu em seu prefácio que Low não foi a primeira a tentar fazer um relato claro e rigoroso dos pontos de vista de Freud, embora ele a considerasse mais bem preparada para essa tarefa do que os autores anteriores – e o seu resultado, superior.

O livro de Low foi, sem dúvida, um dos mais bem-sucedidos do seu gênero na época. Ele foi publicado em abril de 1920 e uma segunda tiragem apareceu já em outubro. Outra reimpressão chegou às livrarias em março de 1921 e uma edição revisada foi publicada em fevereiro de 1923. O livro foi amplamente resenhado, na maioria das vezes de forma favorável. Uma amostra das mais

entusiasmadas resenhas iniciais aparece nas páginas iniciais da edição de 1923: “um admirável esboço da teoria e aplicações da psicanálise” (*Westminster Gazette*), “um manual brilhantemente redigido” (Rebecca West para a revista *Star*), “o melhor livro introdutório já publicado sobre psicanálise” (*Journal of Psychology*), entre outras. Foi especialmente influente também nas aplicações da psicanálise à educação e à criminologia (o último capítulo do livro, lembremos, fora dedicado às aplicações educacionais e outros resultados sociais da psicanálise). Por exemplo, John Cuthbert Goodwin, autor de muitos livros populares sobre criminologia (além de mosquetes e ficção científica), baseava-se sistematicamente no livro de Low com relação às questões psicanalíticas (Richards, 2000).

No entanto, a influência e a popularidade do livro não devem nada à ideia de princípio do Nirvana nele proposta e associada ao nome de Low desde a adoção do conceito e o reconhecimento de sua autoria por Freud. Ao contrário, elas se deveram a seu caráter introdutório, claro e preciso e a sua ênfase na psicanálise aplicada. A imagem de Low como um todo, enquanto psicanalista e autora, se harmoniza bem com a de sua obra mais famosa, a saber, a de uma pessoa engajada na popularização da psicanálise e em suas aplicações sociais, bem como devotada à causa psicanalítica com inquebrantável “zelo missionário”, como John Bowlby a caracterizou.

## 6. Conclusão

Seria possível dizer muito mais sobre a carreira e as realizações de Barbara Low. Seu trabalho de divulgação não se restringiu a resenhas em revistas psicanalíticas. Por exemplo, Richards (2000) a menciona como colaboradora frequente do *Times Educational Supplement*, e a bibliografia em Franklin (1956) inclui outras publicações não técnicas em periódicos como a *Pall Mall Gazette*, *The Observer*, *National Health* e *New Era*. Essa atividade de divulgação acabou lhe causando problemas e ameaçou abalar o relacionamento amigável que ela geralmente manteve com Jones. Em 5 de fevereiro de 1922, o *Lloyd's Sunday News* publicou um artigo baseado numa entrevista concedida por Low. O artigo enfatizava os riscos do charlatanismo no tratamento de mulheres neuróticas e o papel de Eder como um dos primeiros praticantes de psicanálise na Inglaterra. Seguiu-se uma troca de cartas, ácidas da parte de Jones e defensivas da parte de Low<sup>20</sup>. O desentendimento foi contornado, mas algum ressentimento deve ter permanecido, pois Jones mais tarde acusaria Barbara e Edith de terem influenciado Freud para que este concedesse um crédito excessivo a Eder como primeiro líder

---

<sup>20</sup> Greer (2014, pp. 63-66) fornece uma descrição detalhada deste episódio e reproduz algumas das cartas trocadas por Jones e Low. Ver também Maddox (2006).

do movimento psicanalítico britânico (Kuhn, 2017). Ele também trabalhou ativamente para minimizar o papel desempenhado por Eder nesse desenvolvimento (Thomson, 2011).

Suas opiniões políticas também expressam as preocupações sociais de Low. Ela era filiada ao Partido Trabalhista e membro da *Fabian Society* – uma organização socialista e, hoje, um instituto de pesquisa ligado aos trabalhistas britânicos –, tal como seus amigos escritores Shaw e Wells. Esta era uma particularidade sua, pois nem todos os irmãos Low compartilhavam dessa orientação progressista. Sidney Low sempre foi, politicamente, um conversador (Rubinstein *et al.*, 2011) e Frances Low argumentava contra o sufrágio em sua atuação como jornalista (Easley, 2018). Quando um grupo de psicanalistas (Marjorie Franklin, Edward Glover, Grace Pailthorpe e Melitta Schmideberg) fundou o *Institute for the Scientific Treatment of Delinquency* (ISTD) em 1931<sup>21</sup>, Low colaborou intensamente com a nova instituição pelo resto de sua vida, tanto como professora quanto como analista. Franklin (1956) observa que ela participou de um congresso no ISTD em seu último ano de vida, mesmo doente e já fisicamente debilitada.

Embora ela não tenha se definido como uma investigadora teórica, suas contribuições para a teoria psicanalítica não foram propriamente insignificantes. Seu princípio de Nirvana é formalmente introduzido e justificado como um novo conceito, e sua recepção e aceitação por Freud passaram por um desenvolvimento específico que o aproximou da visão original de Low, como se viu acima. Assim, a ideia de que Freud tenha adotado apenas o termo, mas não o conceito de Low em si (May, 2015), não faz inteiramente justiça à sua contribuição (Caropreso e Simanke, 2022). Pode-se considerar seu artigo sobre as compensações psicológicas obtidas pelo analista durante o tratamento (Low, 1935) como uma tentativa inicial de teorizar sobre a contratransferência e distingui-la de outros fenômenos que os analistas vivenciam na sua relação com os pacientes. Esse trabalho não passou despercebido na literatura psicanalítica e foi levado muito a sério, mesmo quando houvesse pontos de discordância sobre a questão (Szasz, 1956 e Fliess, 1942).

A atuação institucional de Barbara Low na Sociedade Britânica de Psicanálise foi fundamental. Ela desempenhou um papel crucial nas controvérsias, apresentando-se como uma figura de liderança no movimento psicanalítico britânico naquele contexto e sendo reconhecida como tal. Como dito acima, apenas sua participação neste episódio seria merecedora de um estudo em separado. Considerando tudo isso, é injustificada a pouca atenção que Barbara Low tem recebido na história da

---

<sup>21</sup> O instituto existe até hoje como o Centro de Estudos sobre Crime e Justiça. Informações básicas sobre a história da instituição podem ser encontradas em <https://www.crimeandjustice.org.uk/about/history>. Ver também a biografia de Franklin no *Psychoanalytikerinnen: Biografisches Lexikon*. Disponível em: [https://www.psychanalytikerinnen.de/greatbritain\\_biographies.html#Franklin](https://www.psychanalytikerinnen.de/greatbritain_biographies.html#Franklin).

psicanálise, onde sua associação com o princípio do Nirvana ainda parece ser a única coisa digna de ser mencionada. Exceto pelo obituário de Franklin e alguns verbetes curtos em obras de referência, o único artigo especificamente dedicado a ela que foi possível identificar quando esta pesquisa teve início era o de Silva (2019), que ainda focava principalmente o princípio do Nirvana. A maior parte das informações sobre a vida e a obra de Low necessárias para a preparação deste trabalho tiveram de ser coletadas em diversas publicações sobre outros tópicos que, de alguma maneira, a mencionassem. Os pequenos erros factuais encontrados nessa literatura também atestam esse relativo descaso. Além daqueles já apontados, como a omissão ou referência equivocada a seu principal trabalho sobre psicanálise e educação (Low, 1928), Yorke (2002b/2005) indica Florence em vez de Edith como esposa de Eder. Tanto ele quanto Franklin (1956) afirmam que Low entrou para a Fabian Society logo após sua criação, o que é altamente improvável, já que ela tinha apenas dez anos de idade em 1884 quando a sociedade foi criada. Com relação à família de Low, a Biblioteca Virtual Judaica indica Sidney como o pai de Ivy Low em vez de seu irmão Walter<sup>22</sup>.

Barbara Low foi uma personagem bastante representativa do primeiro grupo de psicanalistas britânicos. Conforme se discutiu aqui, o número de mulheres analistas na BPS era significativamente maior do que a média da IPA. Essa característica, entre outras, foi responsável por um forte interesse na análise de crianças no movimento psicanalítico britânico, o que, no caso de Low, se manifestava também em seu interesse pela educação infantil. Seus trabalhos sobre psicanálise e educação são ilustrados com inúmeros casos clínicos de crianças em análise com problemas de aprendizagem ou de conduta na escola. Ela era uma analista não médica, com uma formação em pedagogia, língua e literatura inglesa, e a sociedade psicanalítica britânica também se distinguiu por um número mais significativo de analistas leigos, o que também se devia, em parte, à maior presença feminina, já que poucas mulheres tinham acesso a um diploma de medicina na época (Constance Long, a única mulher do grupo de 1913, foi uma exceção nesse aspecto). As origens judaicas de Low fizeram dela uma exceção no início. Ao contrário do que acontecia em outras sociedades psicanalíticas, ela e seu cunhado Eder eram os únicos judeus na BPS. Esse, porém, não foi mais o caso após a chegada dos refugiados no nazismo no final da década de 1930, logo antes do início da Segunda Guerra Mundial (Alexander, 1998), cuja recepção Low também coordenou. Todos esses fatores e muitos outros que não puderam ser abordados aqui ou foram apenas mencionados de passagem ou sugeridos fazem com que sua história valha a pena ser contada, não apenas por seu valor intrínseco, mas também pela

---

<sup>22</sup> Ver: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/low>.

contribuição que seu conhecimento oferece para uma compreensão mais completa da história da psicanálise como um todo.

## Referências

- Alexander, S. (1998). Psychoanalysis in Britain in the early twentieth century: an introductory note. *History Workshop Journal*, 45, 135-143.
- Bair, D. (2003). *Jung: uma biografia* (2 vols.). São Paulo: Editora Globo, 2006.
- Bradby, M. K. (1919). *Psychoanalysis and its place in life*. London: Henry Frowde, Hodder, and Stoughton.
- Brown, C. (2019). “The young Russian”: Lawrence, Libidnikov and London’s Russians in the First World War. *Journal of D. H. Lawrence Studies*, 5(2), 103-123.
- Caropreso, F. e Simanke, R. T. (2022). Barbara Low and Sabina Spielrein: misrepresentations of their work in the history of psychoanalysis. *American Imago*, 79(2), 169-195.
- Carswell, J. (1983). *The exile: a life of Ivy Litvinov*. London and Boston: Faber & Faber.
- Chapman-Huston, D. (1936). *The lost historian: a memoir of Sir Sidney Low*. London: John Murray.
- Colín, A. (2015). De la pulsión de muerte, el deseo, y la pulsión invocante. *Fuentes Humanísticas*, 29(51), 25-40.
- Coriat, I. H. (1919). *What is psychoanalysis?* New York: Moffat, Yard & Co.
- Delavenay, É. (1969). *D. H. Lawrence: l’homme et la genèse de son œuvre*. Les années de formation (1885-1919). Paris: Librairie C. Klincksieck et Compagnie.
- Delavenay, E. (1989). Early approaches to D. H. Lawrence: records of meetings with Frieda Lawrence, Havelock Ellis, Barbara Low, Ada Lawrence-Clark, and William Hopkin. *The D. H. Lawrence Review*, 21(3), 313-322.
- De Vleminck, J. (2016). Der Todestrieb, ein psychoanalytischer Fremdkörper? Metapsychologie und Klinik. *Psychoanalyse. Ästhetik. Kulturkritik*, 36(4), 465-490.
- Easley, A. (2018). Low, Frances Helena (1862-1939). In: D. Cannadine (Ed.). *The Oxford Dictionary of National Biography*. Disponível em <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-58328>. Acessado em: 17 de agosto de 2022.
- Eder, M. D. (1911). A case of obsession and hysteria treated by the Freud psychoanalytic method. *British Medical Journal*, 30, 750-751.

- Elliot, T. S. (1934). Hamlet. In: Elliot, T. S. *Selected essays* (pp. 141-146). London: Faber and Faber Limited.
- Ffytche, M. (2012). *The foundation of the unconscious: Schelling, Freud, and the birth of the modern psyche*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fliess, R. (1942). The metapsychology of the analyst. *Psychoanalytic Quarterly*, 11(2), 211-227.
- Flower, G. C. (1928). The Unconscious in Action. Its Influence upon Education. In Barbara Low (Ed.), *The unconscious in action* (pp. 185-226). London: University of London Press.
- Forrester, J. e Cameron, L. (2017). *Freud in Cambridge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Foxe, A. N. (1943). Critique of Freud's concept of a death instinct. *Psychoanalytic Review*, 30(4), 417-427.
- Franklin, M. (1956). Barbara Low. *International Journal of Psychoanalysis*, 37, 473-474.
- Freud, S. (1911). Formulations on the two principles of mental functioning. In M. Solms (Ed.), *The revised standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol. 12)* (pp. 215-223). Lanham: Rowman & Littlefield, 2024.
- Freud, S. (1920a). *Beyond the pleasure principle. The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol. 18)* (pp. 1-64). London: The Hogarth Press and The Institute of Psychoanalysis, 1975.
- Freud, S. (1920b). The psychogenesis of a case of homosexuality in a woman. *International Journal of Psychoanalysis*, 1, 125-149.
- Freud, S. (1924). The economic problem of masochism. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol. 19)* (pp. 155-172). London: The Hogarth Press and The Institute of Psychoanalysis, 1975.
- Freud, A. (1931). *Introduction of psychoanalysis for teachers*. London: Allen & Unwin.
- Freud, A. (1935). *Psychoanalysis for teachers and parents: introductory lectures*. New York: Emerson Books.
- Glover, E. (1966). Psychoanalysis in England. In F. Alexander, S. Eisenstein e M. Grotjahn (Eds.), *Psychoanalytic pioneers* (pp. 534-545). New York: Basic Books.
- Greer, J. A. (2014). *Learning from linked lives: narrativizing the individual and group biographies of the guests at the 25th Jubilee dinner of the British Psychoanalytical Society at The Savoy, London, on 8th March 1939*. Tese de Doutorado em Educação, University of Southampton, Southampton.

- Harrison, I. B. (1986). On “merging” and the fantasy of merging. *Psychoanalytic Study of the Child*, 41(1), 155-170.
- Hinshelwood, R. D. (1998). The organizing of psychoanalysis in Britain. *Psychoanalysis and History*, 1(1), 87-102.
- Hu, H. V. (2018). L’asexualité à la luer du principe de Nirvâna. *Annales Médico-Psychologiques* 176(4), 361-371.
- Jones, E. (1910). A psychoanalytic study of Hamlet. In E. Jones (Ed.), *Essays on applied psychoanalysis* (pp. 1-98). London/Vienna: International Psycho-Analytical Press, 1923.
- Jones, E. (1912). M. D. Eder, A case of obsession and hysteria treated by the Freud psychoanalytic method. *Zentralblatt für Psychoanalyse*, 2, 355.
- Jones, E. (1913a). Psychoanalysis and education. In E. Jones (Ed.), *Papers on psychoanalysis* (pp. 393-415). London: Baillière, Tindall & Cox.
- Jones, E. (1913b). The value of sublimation processes in education and re-education. In E. Jones (Ed.), *Papers on psychoanalysis* (pp. 416-432). London: Baillière, Tindall & Cox.
- Jones, E. (Ed.). (1924). *Social aspects of psychoanalysis: lectures delivered under the auspices of the Sociological Society*. London: Williams & Norgate.
- Kahr, B. (2012). Reminiscences by John Bowlby: portraits of colleagues. *Attachment*, 6(1), 27-49.
- King, P. (1983). The life and work of Melanie Klein in the British Psychoanalytic Society. *International Journal of Psychoanalysis*, 64(3), 251-260.
- King, P. (1987). Review of The British School of Psychoanalysis: the independent tradition. *International Journal of Psychoanalysis*, 68, 553-554.
- King, P. (1991a). Background and development of the Freud-Klein controversies in the British Psycho-Analytical Society. In P. King e R. Steiner (Eds.), *The Freud-Klein controversies, 1941-45* (pp. 7-27). London: Routledge.
- King, P. (1991b). Biographical notes on the main participants in the Freud-Klein Controversies in the British Psycho-Analytical Society, 1941-45. In P. King e R. Steiner (Eds.), *The Freud-Klein controversies, 1941-45* (pp. ix-xxi). London: Routledge.
- King, P. e Steiner, R. (1991). *The Freud-Klein controversies, 1941-45*. London: Routledge.
- Knights, L. C. (1933). *How many children had Lady Macbeth: an essay on theory and practice of Shakespeare criticism*. Cambridge: The Minority Press.

- Kohon, G. (1986). Notes on the history of the psychoanalytic movement in Britain. In G. Kohon (Ed.), *British psychoanalysis: new perspectives in the independent tradition* (pp. 25-49). London and New York: Routledge, 2018.
- Kuhn, P. (2017). *Psychoanalysis in Britain, 1893-1913: histories and historiography*. London: Lexington Books.
- Lay, W. (1917). *Man's unconscious conflict: a popular exposition of psychoanalysis*. New York: Dodd and Mead.
- Low, B. (1920). *Psychoanalysis: a brief account of the Freudian theory* (3. ed). London: George Allen & Unwin Ltd., 1923.
- Low, B. (1924). The bearing of psychoanalysis upon education. In E. Jones (Ed.), *Social aspects of psychoanalysis: lectures delivered under the auspices of the Sociological Society* (pp. 169-208). London: Williams & Norgate.
- Low, B. (1928). *The unconscious in action: its influence upon education*. London: University of London Press.
- Low, B. (1929). A note on the influence of psychoanalysis upon English education during the last eighteen years. *International Journal of Psychoanalysis*, 10, 314-320.
- Low, B. (1935). The psychological compensations of the analyst. *International Journal of Psychoanalysis*, 16, 1-8.
- Maddox, B. (1994). *D. H. Lawrence: the story of a marriage*. New York: Simon & Schuster.
- Maddox, B. (2006). *Freud's wizard: Ernest Jones and the transformation of psychoanalysis*. Cambridge: Da Capo Press.
- Makari, G. (2008). *Revolution in mind: the creation of psychoanalysis*. New York: Harper Collins Publishers.
- Marinelli, L. e Mayer, A. (2006). Forgetting Freud? For a new historiography of psychoanalysis. *Science in Context*, 19(1), 1-13.
- May, U (2015). The third step in drive theory: on the genesis of "Beyond the pleasure principle". *Psychoanalysis and History*, 17(2), 205-272.
- Meisel, P. e Kendrick, W. (1985). Introduction. In P. Meisel e W. Kendrick (Eds.), *Bloomsbury/Freud: the letters of James and Alix Strachey, 1924-1925* (pp. 1-50). New York: Basic Books.
- Nehls, E. (1957). *D. H. Lawrence: a composite biography. Volume one: 1885-1919*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- Newell, H. W. (1931). Psychoanalysis and Education. *Social Service Review*, 5(3), 506-508.



- O’Keefe, B. (2019). The woman always pays: the lives of Ivy Litvinov. *Slavonic and East European Review*, 97(3), 501-528.
- Paskauskas, A. R. (Ed.). (1995). *Correspondance complète: Sigmund Freud-Ernest Jones (1908-1939)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- Pfister, O. (1922). *Expressionism in art: its psychological and biological basis*. London: Kegan, Paul, Trench, Trübner & Co.
- Raitt, S. (2004). Early British psychoanalysis and the Medical Psychological Clinic. *History Workshop Journal*, 58, 63-85.
- Richards, G. (2000). Britain on the couch: the popularization of psychoanalysis in Britain, 1918-1940. *Science in Context*, 13(2), 183-230.
- Robinson, K. (2011). A brief history of the British Psychoanalytic Society. In P. Loewenberg e N. L. Thompson (Eds.), *100 years of the IPA: the centenary history of the International Psychoanalytic Society* (pp. 196-230). London: Routledge.
- Rubinstein, W. D., Jolles, M. A. e Rubinstein, H. L. (Eds.). (2011). *The Palgrave dictionary of Anglo-Jewish history*. London: Palgrave Macmillan.
- Ruhs, A. (2019). In the name of Janus: do we need a dualistic drive theory? In V. Blüml, L. Giorgi e D. Huppert (Eds.), *Contemporary perspectives on the Freudian death drive: in theory, clinical practice, and culture*. London and New York: Routledge.
- Ruperthuz, M. (2021). Algunas reflexiones sobre el concepto de pionero en la historia del psicoanálisis: examen de una estrategia historiográfica. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 24(4), 706-729.
- Searl, M. N. (1932). Some contrasted aspects of psychoanalysis and education. *British Journal of Educational Psychology*, 2(3), 276-296.
- Shapira, M. (2023). *Sigmund Freud and his patient Margarethe Csonka: a case of homosexuality in a woman in modern Vienna*. London: Routledge.
- Silva, M. V. N. (2015). *A construção da pulsão de morte freudiana: um estudo histórico da formação do conceito a partir de suas fontes*. Montes Claros: Unimontes.
- Silva, M. V. N. (2019). Barbara Low e o princípio de Nirvana. *Lacuna*, 7, 7.
- Simanke, R. T. (2020). Considérations préliminaires à propos d’une méthode historico-philosophique pour la recherche conceptuelle en psychanalyse: une réflexion a partir de l’expérience brésilienne. *Critical Hermeneutics: Biannual International Journal of Philosophy*, 4(2), 59-78.

- Simanke, R. T. (2024). Barbara Low: “the little bit of pioneering” or the beginnings of British psychoanalysis. In K. Naskowska (Ed.), *Early women psychoanalysts: history, biography, and contemporary relevance* (pp. 204-222). London and New York: Routledge.
- Simanke, R. T. e Caropreso, F. (2017). Hagiografia e difamação na história da psicanálise: as duas faces do excepcionalismo”. In E. R. da Fonseca, F. V. Bocca, R. M. de Almeida e Z. Loparic (Eds.), *Pluralismo na psicanálise* (pp. 11-28). Curitiba: PUCPress.
- Simanke, R. T. e Caropreso, F. (2018). Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In L. Fulgêncio, J. Birman, D. Kupermann e E. L. Cunha (Eds.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos* (pp. 55-68). São Paulo: Zagodoni Editora.
- Simanke, R. T. e Caropreso, F. (2020). O contexto político e a renovação da historiografia da psicanálise. In J. Birman, I. Fortes e M. Macedo (Eds.), *Psicanálise e política* (pp. 35-44). São Paulo: Editora Zagodoni.
- Steiner, R. (1988). Bloomsbury/Freud: The Letters of James and Alix Strachey, 1924-1925. *International Review of Psychoanalysis*, 15, 404-407.
- Steiner, R. (1991). Background to the scientific controversies. In P. King e R. Steiner (Eds.), *The Freud-Klein controversies, 1941-45* (pp. 171-198). London: Routledge.
- Stonebridge, L. (1998). *The destructive element: British psychoanalysis and modernism*. London: Macmillan Press.
- Szasz, T. (1956). On the experiences of the analyst in the psychoanalytic situation: a contribution to the theory of psychoanalytic treatment. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 4(2), 197-223.
- Thompson, N. L. (1987). Early women psychoanalysts. *International Review of Psychoanalysis*, 14, 391-407.
- Thomson, M. (2011). “The solution of his own enigma”: connecting the life of Montague David Eder (1865-1936), socialist, psychoanalyst, Zionist, and modern saint. *Medical History*, 55(1), 61-84.
- Valentine, E. R. (2009). “A brilliant and many-sided personality”: Jessie Margaret Murray: the founder of the Medical-Psychological Clinic. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 45(2), 145-161.
- Whitehead, A. N. (1917). *The organisation of thought: educational and scientific*. London: Williams and Norgate.

- Wiley, B. (1968). *Cambridge and other memories, 1920-1953*. London: Chatto & Windus.
- Yorke, C. (2002a). Imago Publishing Company. In A. Mijolla (Ed.), *International Dictionary of Psychoanalysis* (Vol. 2, pp. 801-802). Detroit: Thomson Gale, 2005.
- Yorke, C. (2002b). Low, Barbara (1877-1955). In A. Mijolla (Ed.), *International Dictionary of Psychoanalysis* (Vol. 2, pp. 996-997). Detroit: Thomson Gale, 2005.
- Young-Eisendrath, P. (1997). Jung and Buddhism: refining the dialogue. In P. Young-Eisendrath (Ed.), *The Cambridge Companion to Jung* (2. ed., pp. 235-252). Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- Zaretsky, E. (2004). *The secrets of the soul: a social and cultural history of psychoanalysis*. New York: Alfred A. Knopf.
- Zytaruk, G. e Boulton, J. T. (1981). Introduction. In G. Zytaruk e J. T. Boulton (Eds.), *The letters of D. H. Lawrence. Vol. II, June 1913 - October 1916* (pp. 1-18). Cambridge: Cambridge University Press.